



O olhar histórico em *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho

Felicio Laurindo Dias*

“Talvez o lema do pós-modernismo
deva ser: *viva as margens*”.

Linda Hutcheon

A ficção brasileira contemporânea traz ao debate uma série de questionamentos acerca da descentralização da própria narrativa e do caráter contraditório do romance, sendo essa relação de instabilidade e incerteza o ponto de partida para a discussão do romance histórico na atualidade e para um novo olhar sobre a história.

A relação entre história e literatura alimenta discussões e estudos que aproximam e problematizam o processo de elaboração da historiografia contemporânea e a diluição de zonas de fronteira no interior da obra romanesca. Hayden White considera a história um constructo narrativo e linguístico, o que faculta a problematização de como ela é compreendida:

Nessa teoria trato o trabalho histórico como o que ele manifestamente é: uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. As histórias (e filosofias da história também)

* Graduando em Letras na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

combinam certa quantidade de “dados”, conceitos teóricos para “explicar” esses dados e uma estrutura narrativa que os apresenta como um ícone de conjuntos de eventos presumivelmente ocorridos em tempos passados. Além disso, digo eu, eles comportam um conteúdo estrutural profundo que é em geral poético e, especificamente, linguístico em sua natureza, e que faz as vezes do paradigma pré-criticamente aceito daquilo que deve ser uma explicação eminentemente “histórica”. Esse paradigma funciona como o elemento “meta-histórico” em todos os trabalhos históricos que são mais abrangentes em sua amplitude do que a monografia ou informe de arquivo (1995, 11).

Ao constatar possibilidades de formulação da história imbricadas em uma narrativa, White postula que o historiador realiza um ato essencialmente poético e caracterizado por modos linguísticos. Esses atos de prefiguração são traduzidos por quatro tropos linguísticos: metáfora, sinédoque, metonímia e ironia. A enumeração clarifica e reafirma a ideia de uma poeticidade e da presença de elementos literários na construção do texto histórico.

As teses de White implicam uma revisão do atual pensamento da história oficial, chamando a atenção para a plurissignificação do texto, intimamente ligado à estrutura romanesca. A meta-história de White procura estabelecer um estudo do caráter poético da história, tendo como elemento estruturador o signo linguístico, o que resulta na aproximação entre os textos histórico e literário:

Diz-se com frequência que a história é uma mescla de ciência e arte. Mas, conquanto recentes filósofos analíticos tenham con-

seguido aclarar até que ponto é possível considerar a história como uma modalidade de ciência, pouquíssima atenção tem sido dada a seus componentes artísticos. Através da exposição do solo linguístico em que se constituiu uma determinada ideia da história, tento estabelecer a natureza inelutavelmente poética do trabalho histórico e especificar o elemento prefigurativo num relato histórico por meio do qual seus conceitos teóricos foram tacitamente sancionados (1995, 13).

Tendo em vista as considerações sobre a elaboração do pensamento histórico, nosso estudo incidirá sobre a reflexão acerca de um novo olhar da história e das possibilidades de pluralidade dos relatos na escrita romanesca.

Um novo olhar da história

Para o aprofundamento do estudo, é importante fixarmos alguns conceitos que permeiam as relações entre a literatura e a história contemporâneas. Para Linda Hutcheon (1991), o romance histórico da pós-modernidade apresenta-se autoconsciente em sua ficcionalização e na forma como se constrói, pois não há intenção de reconstituir fatos históricos com precisão, mas sim proporcionar múltiplas possibilidades de leitura. A revisitação histórica ou, conforme Hutcheon, o que chamam de metaficção historiográfica, parte dessa relação do objeto histórico e literário, a fim de subverter fatos e perspectivar o conhecimento histórico.

A escrita da metaficção historiográfica pode residir na estória, que nos leva a um universo fictício sustentado pela ins-

tabilidade do cotidiano pós-moderno mesclada à revisitação da história, porém sem a assimilação desses dados históricos. O elemento autorreflexivo e paródico da metaficção também se articula em uma narrativa em que há um olhar externo, possibilitando que o autor se lance em uma cultura totalmente diferente da sua e se desligue de seu local, a fim de diluir qualquer fronteira cultural ou geográfico.

Como um modo de entrada no romance *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (2009), discutiremos as relações entre história, ficção e subalternidade. Para tanto, comecemos esclarecendo que *O filho da mãe* não integra a metaficção historiográfica, pois não dispõe de um personagem histórico como centro. No entanto, problematizar o conhecimento histórico não implica diferenciar ou estabelecer relações entre elementos literários e extraliterários, afinal, conforme Hutcheon, “em primeiro lugar a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico” (1991, 152). Convém pensar questões como o uso da linguagem nas representações de margem e centro, as reflexões acerca da subjetividade do texto e as implicações do contexto histórico na prosa de Bernardo Carvalho. Portanto, usaremos os estudos da metaficção historiográfica como base teórica de nossa leitura particular de *O filho da mãe*.

Na relação estabelecida pelo discurso histórico com a complexidade do sujeito pós-moderno, a perda de referência e o total deslocamento do indivíduo caracterizam as temáticas mais recorrentes na literatura de Bernardo Carvalho. Assim como em sua obra anterior, *Nove noites* (2002), esse deslocamento e o estado periférico do personagem se mostram aspectos marcantes. Diante disso, é perceptível que, em *O filho da mãe*, Carvalho opera com

personagens em constante conflito com o mundo e faz referências a um estado de total não pertencimento e desajuste de um grupo social. Assim, ao encenar a crise de identidade do personagem pós-moderno e o dialogismo com a história, a obra restabelece diferentes trajetórias em um trânsito de culturas, sugerindo possibilidades variadas de leitura do romance em relação à história oficial.

A narrativa de Carvalho se caracteriza por um olhar originário que rejeita a ideia de nacionalidade, e é desse modo que a representação da guerra da Tchetchênia serve como pano de fundo para narrar uma ficção histórica a partir de personagens fictícios. O romance coloca em xeque a estruturação do entrelugar dos discursos histórico e ficcional, uma vez que discute o processo de representação e narração da própria história.

Um aspecto a ser levado em conta no questionamento da verdade e do olhar da história é a memória do historiador, tendo em conta critérios como acontecimentos, lugares, personagens e pessoas. Michael Pollak (1992), a partir de estudos sobre a memória coletiva para a construção da identidade social, defende a ideia de que a memória está submetida a transformações e mudanças constantes, sendo passível ainda de projeções e transferências.

Nesse viés, Pollak defende a reflexão sobre a construção do discurso histórico no que se refere à abordagem histórica. Os fatos aludem diretamente à precariedade de uma construção singular do conhecimento histórico e do território da verdade. Essas questões são de extrema importância, ao se tratar da revisitação histórica, porque, ainda que o ponto inicial da discussão seja o romance de Carvalho, é necessário lembrar que na história oficial há a voz de um historiador impregnada por um discurso subjetivo e ideológico, pois, como nos ensina Barthes, “o poder aí está, emboscado em

todo e qualquer discurso” (1987, 10). O romance serve de base para a discussão de um novo olhar sobre essa história, levando em conta que todo e qualquer discurso é ideológico. Ainda que em *O filho da mãe* a história sirva de cenário, o pano de fundo histórico possui relação intensa com os conflitos em que se inserem os personagens e o ambiente interage com a ficção.

O jogo de referências possibilita o desenvolvimento de um texto polifônico, que possibilita a representação dos diversos dramas vividos pelos personagens em perspectivas particulares. Carvalho não nos apresenta um único herói, que, conforme Bakhtin, represente uma ideologia ou classe, mas diferentes vozes, que operam como representantes de diversos mundos. Dessa maneira, vemos uma narrativa fragmentada, que nos possibilita questionar noções de homogeneidade, totalização e centro.

Ainda tratando de memória e identidade social, Pollak, em seu ensaio “Memória e identidade social” (1992), citando Régine Robin, diz que a pluralidade do romance reside no critério de verdade e no discurso social, pois leva em conta o plural sem ser um discurso fechado e reducionista, como seria o discurso científico. Estendendo essas noções, o conceito de polifonia, de Mikhail Bakhtin (1992), refere-se à restituição de certas “verdades” ou alternativas que, em sua pluralidade, são representadas a partir de diferentes vozes sociais que se defrontam.

O fragmento não permite o predomínio de uma única visão na narrativa, mas sim a emergência de vozes que apontam tanto para o caráter político, quanto para a questão psicológica do personagem, na perigosa e conturbada vida urbana. Ao constituir um texto polifônico, a construção romanesca seria capaz de restituir as alternâncias possíveis dessa sociedade. Sob essa ótica, Pollak

mostra que o uso da técnica romanesca para construir um discurso sensível à pluralidade das realidades pode fecundar a elaboração de discursos também no campo científico e documental.

A construção de personagens femininas unidas pela questão da maternidade faz emergir uma nova visão sobre a guerra, mas não só no que se refere à visão de mães ou à questão do feminino como gênero, mas também por retratar personagens à margem da história oficial. Essas personagens periféricas são resgatadas no romance por meio de um jogo de representação levado a cabo pelo narrador heterodiegético, pois, como não têm direito à fala, são metaforicamente representadas pelo discurso que representa essa “fala cassada”.

Nesse contexto, a questão do subalterno faz com que o leitor reconheça, por meio do romance, um mundo que não seria identificado ou representado de forma plurissignificativa por meio da história oficial. *O filho da mãe* pode ser entendido como um campo de representação desse sujeito subalterno, pois, conforme Gayatri Spivak (2010), o que falta na relação entre o subalterno e o intelectual pós-colonial/pós-moderno é a criação de espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar e ser ouvido. É o que acontece no romance de Carvalho, em que Zainap e Ruslan também figuram como personagens refugiados em um campo de concentração, portanto representam sujeitos excluídos e marginalizados.

O filho da mãe ficcionaliza ainda a relação afetiva de dois jovens, o que, no contexto do romance, se mostra como questão invisível para a sociedade tchetchena. Essa recusa em reconhecer a homossexualidade presente exemplifica um dos grandes pontos referentes à influência da história no romance.

O amor em ruínas representado por Ruslan e Akif configura um agravante para o estado cada vez mais periférico dos personagens marginalizados, pois as questões de gênero e, principalmente, a homossexualidade, denunciam relações binárias do tipo margem/centro, frequentemente favorecendo o centro.

Assim, personagens como Andrei e Ruslan representam um dos aspectos da cultura globalizada, dentre os quais destacamos as possibilidades de se questionar o centro, ao se trazer o ex-cêntrico da história para o círculo do romance. Conforme Hutcheon, “o ex-cêntrico, o *off*-centro: inevitavelmente identificado com o centro ao qual aspira, mas que lhe é negado” (1991, 88). Sendo assim, o pós-moderno reflete a possibilidade de inserção desses sujeitos, eludidos da história.

Além de forçados ao deslocamento em seu próprio país, os personagens se encontram em um lugar onde a sexualidade contribui para o agravamento de sua situação marginal, ainda que a ficção de Carvalho abra espaço para a multiplicidade.

Os negros e as feministas, os etnicistas, os gays, as culturas nativa e do “Terceiro Mundo” não formam movimentos monolíticos, mas constituem uma diversidade de reações a uma situação de marginalidade e ex-centricidade percebida por todos. E tem havido efeitos liberadores como efeito do deslocamento da linguagem, da alienação (não-identidade) para a linguagem da descentralização (diferença), porque o centro utilizado para funcionar como pivô entre opostos binários sempre privilegia um dos lados: brancos/negros, homem/mulher, eu/outro, intelecto/corpo, Ocidente/Oriente, objetividade/ subjetividade – hoje essa lista é famosa. Porém, se o centro é considerado como uma elaboração, uma ficção, e não

como uma realidade fixa e imutável, o “velho ou-ou começa a desmoronar”, como diz Susan Griffin (1981; 1982, 291) e o novo “e-também” da multiplicidade e da diferença abre novas possibilidades (Hutcheon: 1991, 91).

Esses grupos definidos como “subalternos”, “ex-cêntricos” ou “silenciosos” facultam à narrativa romanesca de Carvalho inserir o tema da diferença sexual, da etnia, de gênero e do feminismo, valorizando a pluralidade de histórias e relatos trazidos da margem para o universo do discurso literário. A pluralidade do pós-moderno é, portanto, representada pela multiplicidade discursiva e pela problematização das margens e das fronteiras, promovendo, por conta da descentralização da narrativa, a emergência de certas marcas próprias de escrita.

As instituições de poder estão à espreita em todo e qualquer discurso, e na linguagem se inscrevem relações ideológicas:

A razão dessa resistência e dessa ubiquidade é que o poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua (Barthes: 1987, 12).

Roland Barthes sintetiza a relação entre história e instituições de poder dentro do discurso, ou seja, no texto. A prosa de Carvalho joga com as relações da linguagem e as verdades da história, o que também caracteriza um discurso político, articulado sob contradições próprias da pós-modernidade. Essas diversas formas

da linguagem assumem um viés artístico e ideológico, desconstruindo discursos totalizantes e sugerindo a construção de uma história no plural, que leve em conta essas vozes à margem.

Considerações finais

A dinâmica do romance faz com que haja um jogo de relações entre as diferenças de etnia, idade, sexo e gênero, engendrado por um autor deslocado de seu país, recorrendo ao ambiente desconhecido, recusando possibilidades de trocas equilibradas. Essa escrita, que opta pela instabilidade e pela recusa da nacionalização, é a mesma que elege as relações de gênero, espaço e identidade como fundamentos.

A pós-modernidade é propícia a essa consciência da diferença. *O filho da mãe* acusa esse centro para que o *off*-centro sirva como despertador da consciência a partir das tensões com a margem. Nesse sentido, a ex-centricidade é tratada tanto nas relações de gênero, conforme expressas no posicionamento da figura da mãe/mulher no cerne da trama, quanto na figura do homossexual/refugiado de uma zona de guerra e genocídio.

Carvalho propõe um texto híbrido que joga com os contextos históricos. A opção por um discurso politizado se mostra na tentativa de estabelecer espaços dialógicos que criam vozes plurais, a contestarem o passado e a história. Ainda que não haja saídas satisfatórias, a experimentação dessa interseção entre os discursos histórico e literário coloca em discussão a visão onisciente e subjetiva da história, permitindo, assim, a formulação de hipóteses para relativizar a(s) história(s) das sociedades hodiernas.

Por fim, as reflexões de Hutcheon sobre o pós-moderno e o ex-cêntrico mostram que a linguagem é o meio por onde se tematiza a ex-centricidade e que ainda há uma dependência de um centro para que haja as reflexões das margens:

A teoria e a prática da arte pós-moderna tem mostrado maneiras de transformar o diferente, o *off-centro*, no veículo para o despertar da consciência estética e até mesmo política – talvez o passo primeiro e necessário para qualquer mudança radical (Hutcheon: 1991, 103).

Portanto, as relações entre o centro e o ex-cêntrico requerem questionamento tanto no tocante ao encaminhamento textual quanto à mescla entre o erudito e o popular, além da busca de um viés político, de modo a podermos repensar e contestar fatos, conceitos e valores. Nesse sentido, a expansão da interdisciplinaridade no campo dos estudos históricos e as reflexões sobre modelos de elaboração da historiografia nos estimularam a trazer, neste trabalho, algumas considerações sobre a ficção pós-moderna.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n° 10, 1992, pp. 200-12.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1995.